

O apagamento na pele de Clara

Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira¹

Depois de mais de cem dias atendendo meus pacientes on-line, devido à pandemia, fabriquei um sonho com os restos diurnos de uma sessão e, é claro, com o que meu inconsciente revelava.

Uma menininha de sete anos, chamada Thaís, ao final de sua sessão, contou-me que sua avó, quando era criança, imaginava como seria bom se pudesse falar por telefone com alguém vendo o seu rosto, simultaneamente. A menina me perguntou se eu achava que algum dia aconteceria algo parecido: podermos entrar pela tela do computador ou do celular e ir lá do outro lado encontrar a pessoa com quem nos comunicamos...

Sorrimos e não foi preciso responder à pergunta para que ela falasse que sentia a falta de nossos encontros de “carne e osso”.

Tive um sonho. Sonhei que todos os quadros da minha casa eram telas com os rostos de meus pacientes. A cada horário, eu tocava nas telas e aquele paciente entrava em minha casa e tínhamos a sessão, depois ele voltava para aquela moldura e, então, era a vez da pessoa do horário seguinte chegar.

Havia, entretanto, dentre aquelas molduras e aqueles rostos tão conhecidos, um rosto emoldurado que eu não reconhecia: uma moça com traços marcantes. Era uma sensação muito estranha, pois, embora os traços fossem bastante familiares, eu não conseguia saber quem era ela. Pensativa, instigada por aqueles traços, minha mente capta a imagem de uma criança que havia atendido, há muitos anos, no hospital em que trabalhava. De repente, veio uma sensação: era mais velha que ela, a menina. Seria a sua mãe? Dei-me conta que poderia ser a própria menina, que na época tinha cerca de oito anos, e hoje, uns 30 anos depois, quem sabe, seria aquela exuberante mulher que estava na tela. Pele negra,

1. Membro Efetivo e ex-presidente da SBPRJ, psicanalista de crianças e adolescentes, especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar, mestre em Psicologia da Educação (FGV).

cabelos cacheados e volumosos, um lindo colar colorido e lábios pintados de vermelho. Sorriso no rosto. Surpreendo-me, tentando lembrar de seu nome. Faço um enorme esforço e, subitamente, acordo com um misto de susto, de angústia, de nostalgia e com muita vontade de saber sobre Clara! Sim, Clara era seu nome!

Fico inquieta, agoniada. Como estaria Clara? Por que sonhei com ela? Esta pequena paciente era uma menina negra, vinda de Moçambique nos idos anos 90. Uma menina gêmea, cuja irmã tinha um fenótipo de pele mais escuro do que o dela. Só havia a expectativa de um nascimento, porque os pais não sabiam que se tratava de uma gravidez gemelar. Primeiro nasceu Urbi, um nome feminino, originário da região do Benim, que significa “princesa”, e depois veio a “surpresa”, a outra bebê apontou a cabecinha e nasceu. Os pais demoraram quinze dias para encontrar um nome, até que a avó deu a ideia de chamá-la de Clara, uma vez que sua pele era mais clara que a de todos da família. Passados seis anos desse nascimento, seu pai veio com sua mãe para o Brasil, pois era professor universitário e havia conseguido uma bolsa de mestrado. As meninas tinham seis anos nesta ocasião, e vieram quatro meses depois que os pais já haviam se estabilizado por aqui.

Clara chegou ao Serviço em que eu trabalhava depois de peregrinar pela pediatria, dermatologia, serviço de infectologia. Enfim, chegou à psicossomática. Recebi Clara. Sua pele negra apresentava espaços em branco, causa de um vitiligo. A família estava satisfeita com a mudança de país e completavam exatamente dois anos que já haviam estabelecido residência. Clara muito pouco falava, mas chegava sempre muito receptiva ao entrar na sala de atendimento. Levamos alguns meses fazendo “desenhos de rabisco”, acompanhados de um silêncio ensurdecedor.

As manchas em seu corpo, aos poucos, aumentavam. Lentamente. A mãe, atenta, percebia o avanço discreto das manchas e sempre me falava quando marcávamos para conversar. Ao mesmo tempo, eu cobrava de mim mesma “eficiência” na tarefa de conter aquela doença que causava uma despigmentação da pele da menina Clara. Cheguei a pensar em dizer para a família que não poderia mais atender o caso, face à impotência que experimentava e à ideia de que eu nada fazia por aquela criança.

Havia, entretanto, um sentimento maior, pois eu gostava muito de receber Clara. Por sua vez, Clara também gostava de estar comigo. Seus pais me diziam que ela acordava sempre animada nos dias em que vinha ao meu encontro. Os pais, muitas vezes, vinham juntos e traziam também Urbi, que ficava na sala de espera com eles. Esse dia da semana era uma espécie de passeio para todos da família. Lanchavam sempre no mesmo lugar, iam a uma praça perto

do hospital. Mostravam-se, porém, muito preocupados com Clara e seu vitiligo que avançava, de forma lenta.

Um dia, numa sessão, Clara desenhou um barco pequeno, depois um maior e depois um grande navio. Apesar de seu recorrente silêncio, neste encontro, Clara começou a me contar a história que sua avó lhe contara.

A avó não queria que sua família sáísse de Moçambique, temia por eles, e contou muitas histórias para Clara e Urbi, para que essas convencessem os pais a voltar para a África, antes que as meninas viessem ao encontro deles, no Brasil. Histórias de torturas nos porões dos navios, de barbáries que seus antepassados sofreram, foram contadas pela avó. Fazer o desmentido dessa história seria enlouquecedor. A avó não mentia! Ela chorava pelas mortes de vidas negras, de vidas inocentes. Clara e sua família, estariam todos em risco? E eu? Uma estrangeira, uma psicóloga de um hospital público, disposta a estar junto dos meus pacientes e de seu sofrimento psíquico, me via tomada pela dor de Clara. Essa dor, entretanto, era incomparável, pois carregava, também, a iminência de ser levada a um navio, o mesmo em que os negros eram levados ao porão para serem torturados.

Um dia, ao desenhar pessoas no navio negro, Clara me pede um lápis “cor de pele”. Aqui no Brasil, este termo nomeia uma cor de lápis que é usada para pintar a pele de pessoas de cor branca. Essas pessoas seriam as poupadas da carnificina que a população negra sofreu por mais de três séculos em nosso país e que, ainda, sofre as consequências do que temos compreendido como o racismo estrutural. Ela estava lá desenhada. Não sei se naquela ocasião eu própria tinha recursos, pensamentos reflexivos e de entendimento para acolher, reconhecer e cuidar de Clara, como ela demandava. Possivelmente, não. Não devo ter dado conta da demanda desta pequena paciente, mas, certamente, estabelecemos laços que motivavam nossos encontros.

Ao mesmo tempo em que as sessões com Clara iam acontecendo, seus pais contavam-me um pouco de sua história. A diversidade cultural daquela família fazia-me sentir como se estivesse sendo alfabetizada na beleza linguística de um mosaico cultural, entre a ronga, a changana e o português.

Às vezes, Clara falava palavras que eu não compreendia, mas, ao invés de perguntar o que é isso ou o que é aquilo, na jovialidade de uma psicóloga, diria, que decidi quase que, intuitivamente, apenas escutar aquela diversidade de línguas maternas, sotaques, sonoridades que a pequena paciente expressava. Numa viagem muito vívida ao passado, vejo-me, hoje, tomada, ao longo do dia, por Clara.

Após muitas sessões, Clara verbalizava que Urbi, a princesa negra, com a pele como a da mãe e do pai, poderia ser poupada, em seu imaginário. Clara,

com seu desbotamento de pigmentos na pele, conseguiu expressar que queria que seu vitiligo continuasse até que seu corpo pudesse ficar todo branco. Esta poderia ser uma saída, em suas fantasias de sobrevivência, uma vez que não era a princesa da família. Seria uma forma de escapar da morte.

Clara começava a dançar nas sessões e me pedia para dançar com ela *Ngalanga*, dança típica da província de Maputo, dificílima de dançar. Para mim, era impossível fazer aqueles passos. Era uma dança que se apresentava no regresso dos guerreiros, para celebrar a vitória. E, assim, como sabemos que ocorrem nas análises de crianças, lá vamos nós, ousando passos *Ngalanga*. Clara, pacientemente, me ensinava e ria com minhas desajeitadas tentativas. Clara ficou três anos em análise. Algumas partes de seu corpo, como as mãos, a boca e os pés, repigmentaram-se, ainda que ela continuasse a fazer a sua mistura de línguas quando se via diante de situações de muita angústia.

Nunca mais a vi. Lembro-me de nosso último encontro, quando ela me levou uma “engenhoca” que tinha construído. Era uma caixa que tinha que ser aberta com muita delicadeza, pois era feita de papel e estava amarrada com barbantes. Lá dentro, havia a pintura de uma flor. Disse-me que eu poderia colocar na parede de minha casa, se eu quisesse.

Sim, Clara, coloquei sua pintura em minha “casa”. Você está uma bela mulher, com cabelos volumosos e cacheados, batom vermelho e um colar colorido numa linda moldura, não na parede da minha casa, mas no meu sonho, nas minhas lembranças.

Toca o celular, um paciente me chama, mas estou com a flor na mão, no pensamento e preciso apoiá-la em algum lugar para não deixá-la despetalar. Corro, apoio a flor. Deu certo! A flor está a salvo e sei que não preciso temer, pois posso acessá-la a qualquer momento, em minhas fantasias. Olho para os quadros da sala e penso: que loucura! Pensei no que a menina Thaís havia desejado – entrar pela tela do celular e vir me encontrar – e tive um desejo parecido com o dela: entrar numa espécie de tubo de volta para o passado – o infantil da analista e suas múltiplas dimensões ecoavam bem alto dentro de mim.

Gostaria de perguntar à Clara se, para além de nossa compreensão do que ela sentia em ser a filha que não era esperada para nascer, para além do entendimento de que ter uma cor de pele diferente da de seus pais e de sua irmã gêmea não a faria ser excluída do núcleo familiar, para além do trauma transgeracional de assombrosos e de verdadeiros relatos sobre um passado nosso, tão recente, se ela poderia ter-se sentido, também, compreendida, por mim, pela irracionalidade do racismo, como trauma. O traumatizante contato com a

violenta barbaridade no mundo no qual habitamos a deixava, não raras vezes, sem voz e sem cor, só dor.

A casa silencia. Terminei de atender os pacientes on-line e ouço a dor de Clara. Será a dor dela que ressoa em mim? Em “O vendedor de passados”, Agualusa se reporta à música “Acalanto para um rio”:

Nada passa, nada expira/ O passado é um rio que dorme/ e a memória, uma mentira/multiforme./ Dormem do rio as águas/ e em meu regaço dormem os dias/ dormem/ dormem as mágoas/ as agonias/ dormem./ Nada passa, nada expira/ O passado é / um rio adormecido/ parece morto, mal respira/acorda-o e saltará/ num alarido.

O passado é um rio que dorme. Estava adormecida em mim esta memória. Aquela menina hoje seria a mulher negra exuberante emoldurada na poesia de seu tempo, de seu colorido? Ah! O colar colorido do sonho, os lábios pintados, sem manchas brancas na pele, uma pele negra úmida e luminosa na parede de minha casa, um sorriso discreto de quem fez as mágoas e as agonias adormecerem... mas nada passa, ao despertar, novos alaridos ecoarão as vozes da vida, os dialetos da terra mãe e com o acesso a estas memórias.

As paredes de minha casa agora respiram, têm cor, luz, gingado. Sinto o coração pulsante de Clara e sua dança é cada vez mais acelerada, o ritmo penetrou no emolduramento da tela, a moldura não prende mais a bela mulher, na qual a menina negra se transformou. Olho para a parede e não encontro mais a tela dentro da moldura. Clara partiu para o mundo, em busca de um caminho livre, onde seus dialetos possam ser falados e compreendidos.

Em mim, ficaram os pigmentos de sua pele, e foram eles que mantiveram, até hoje, vívidas as cenas fabricadas neste meu/nosso sonho sonhado. Esta noite, quisera eu poder sonhar que dançarei *Ngalanga!*

Recebido: 25/05/2021

Aceito: 09/08/2021

Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira

Rua Bambina 56 sala 403 - Botafogo

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22251-050

(21) 99607-0234

anamsabrosa@gmail.com